



DEUS NO CÉU E O RÁDIO NA TERRA

Papel do rádio junto às mulheres rurais de Pitanga, Paraná

Celsina Alves Favorito

UFPR / UNL

“Deus no céu e o rádio na terra: papel do rádio junto às mulheres rurais de Pitanga” foi o tema da dissertação de mestrado apresentada, em 1989, ao Centro de Pós-Graduação em Comunicação Social do Instituto Metodista de Ensino Superior (hoje Universidade Metodista), localizado em São Bernardo do Campo, São Paulo. O objetivo do estudo foi verificar o papel, a função que o rádio exercia junto ao público feminino de comunidades rurais do Paraná, inseridas no município de Pitanga. Aqui apresentaremos apenas parte desse trabalho, ou seja, seus objetivos, justificativa, a pesquisa de campo (empírica) e suas conclusões, não entrando, portanto, nos capítulos teóricos, presentes na dissertação original.

Que o rádio tinha (e tem) um papel importante, especialmente no meio rural, em função das suas características como baixo custo, mobilidade, imediatismo, linguagem oral, entre outras, sendo muitas vezes o veículo solitário informador e formador de opinião pública, eram fatores por nós conhecidos. No entanto, pretendíamos confirmar, não apenas através de dados estatísticos, de audiência, que o veículo tinha uma importância ímpar junto ao público rural, mas também e principalmente, constatar através de observações e depoimentos das mulheres, a relação existente entre o público feminino e o rádio, relação essa que acreditávamos ser maior que simplesmente a de receptor e emissor.

A escolha pelo estudo de gênero não foi por acaso. As mulheres foram selecionadas por representarem cerca de 50% da população brasileira (o mesmo se verificando na divisão por sexo no meio rural)¹; por desempenharem triplas ou mais jornadas de trabalho (mãe, esposa, dona de casa, atividades domésticas remuneradas como confecção de compotas de doces, venda de verduras e animais, além do trabalho no campo, durante todo o ano ou em períodos de colheita agrícola, contribuindo substancialmente para o orçamento familiar.

Chamava-nos a atenção que, apesar da importância da contribuição da mulher, não raro o seu trabalho era negligenciado pela sociedade, que manipulava a sua participação

1 Trabalho apresentado no Núcleo de **Mídia Sonora**, XXVI Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Belo Horizonte/MG, 02 a 06 de setembro de 2003.



enquanto força de trabalho. Esse foi um dos motivos que nos motivou a opção pelo estudo de gênero, no caso, o feminino. Um exemplo claro de como a mulher era (acho que em menor grau, mas ainda o é) discriminada profissionalmente, é apresentado no diálogo abaixo:

“- ¿En qué trabaja su mujer?

- Mi mujer no trabaja, en la casa el único que trabaja soy yo.
- ¿Y qué hace su mujer con tanto tiempo libre, todo el día?
- Mire, se levanta a las 5, me ceba unos mates antes de que me vaya; después le da de comer a los animales, corta lenã, prepara la comida, lava la ropa, apronta a los niños para ir a la escuela, me lleva el almuerzo campo arriba, una legua; después vuelve y limpia, entra los animales, prepara la cena, tomamos unos mates y nos vamos a acostar, los gurises y yo, porque ella aprovecha para hacer unas costuristas.
- ¿Su mujer hace todas esas cosas y usted dijo que ella no trabaja?
- Claro, ya le dije, el único que trabaja a la casa soy yo”.¹

Além das contribuições dadas pelas mulheres, outra questão por nós considerada, para a opção pelo contingente feminino, foi o fato da mulher ser o elemento primordialmente responsável pela educação e transmissão de saberes e conhecimentos aos filhos, sendo, portanto, de grande importância na estrutura familiar. Como diz Olinda Maria Noronha, a mulher é “uma matriz cultural importante, tanto na difusão de elementos educativos para os filhos como para o próprio fato dela sentir mais de perto (ela tem muito mais sensibilidade do que o homem para sentir isso) a exploração e a ameaça à sobrevivência da família”.² Essa sensibilidade, pensamos, também estaria presente no momento da seleção dos programas veiculados, a que tinham acesso.

Para atingir o objetivo proposto foi selecionado o município de Pitanga – o segundo maior em extensão do Paraná – com comunidades distantes uma das outras e distantes, também, do meio urbano. Por contar com estradas muitas vezes intrafegáveis, o que impedia o contato entre os habitantes, para troca de informações, o rádio era o único veículo de comunicação existente no município, portanto, funcionava como o grande elo de ligação.

A Rádio Auriverde de Pitanga Ltda, “responsável” pela ligação entre campo/campo e campo/cidade, registrava grandes índices de audiência junto ao público feminino rural, em especial nos sábados pela manhã, quando veiculava o programa “A Palavra é da Mulher”,

¹ Trabalho apresentado no Núcleo de **Mídia Sonora**, XXVI Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Belo Horizonte/MG, 02 a 06 de setembro de 2003.



com duração de 30 minutos. A produção era feita por uma enfermeira vinculada à Acarpa/Emater, órgão da Secretaria de Agricultura do Estado do Paraná. Além desse programa, também foram objetos de estudo, por registrarem grande audiência e serem importantes para compreensão do papel do rádio junto ao público selecionado, os programas “Tribuna do Povo” (variedades); “Alma Sertaneja” (musical), “Crescer em Comunhão” (religioso), e o Serviço de Utilidade Pública da Emissora.

Duas comunidades rurais do município de Pitanga foram selecionadas – Nova Conquista e Linha Gaúcha – pelo fato de estarem organizadas em Clubes de Mães, com realização de reuniões periódicas. Além disso, as duas comunidades possuíam características opostas quanto ao acesso à terra. A primeira, era constituída por mulheres que, junto com seus familiares, exploravam a terra depois de um assentamento feito pelo governo, através do processo de reforma agrária; a segunda era formada por mulheres que tiveram acesso à terra através de herança, via casamento, ou aquisição de propriedade. Pretendíamos verificar se o acesso diferenciado à terra, provocava formas díspares de “verem” o rádio, afinal, o primeiro grupo passou por vivências diferentes, como por exemplo, manifestações políticas diante de prédios governamentais, choques com a polícia, contactos e entrevistas com a mídia, acampamentos à beira das estradas, entre outros. Em contrapartida, o segundo grupo viveu experiências não vividas pelo primeiro.

METODOLOGIA

Para atingirmos o objetivo proposto sentimos necessidade de nos aproximarmos do contingente feminino, de participar (mesmo que superficial e temporariamente) da vida das mulheres em estudo, de diminuir o distanciamento entre pesquisador e pesquisado, de conversar livremente, sem depender de questionários indutivos e de respostas fechadas. Foi pensando num tipo de pesquisa mais participante e aberta que optamos pela pesquisa-ação.

¹ Carmen Tornaria, “Para escuchar la voz de la mujer rural”, p.5.

² Olinda Maria Noronha, “De camponesa a madame – trabalho feminino e relações de saber no meio rural”, p.48.



Através dela “o estudioso não é um ser desconhecido e exterior à comunidade que vai analisar. Ele trabalha com ela, convive com ela. Diferencia-se é óbvio, pois aporta com uma problemática que vai ser o fio condutor de pelo menos parte de seus contatos”³. É bem verdade que as diferenças entre pesquisador e pesquisado não param aí e que o relacionamento entre os dois segmentos não é tão simples quanto possa parecer afinal, “são pessoas de classes sociais diferentes, contextos culturais diversos, condições de vida díspares e, há entre eles, além de todos esse elementos de incongruência, a barreira da autoridade do saber sacralizado pelas instituições da educação formal”⁴.

Para ter acesso às mulheres, dependemos do auxílio prestado pelos técnicos da Acarpa/Emater, que não apenas nos transportavam nos veículos da empresa, como também, nos recomendavam às mulheres dissipando, com isso, qualquer dúvida que pudesse haver sobre a intenção da pesquisa. Esclareciam-lhes que vínhamos de uma instituição universitária credível (era apresentada como jornalista da Universidade Federal do Paraná), que os dados coletados não seriam utilizados em prejuízo da comunidade local, enfim, quebravam as barreiras iniciais de desconfiança.

PROCEDIMENTOS E INSTRUMENTOS

Durante o período em que permaneci em Pitanga para coleta dos dados primários – de março a novembro de 1988 – nem sempre podia estar com as mulheres, pois dependia da disponibilidade delas para marcar reuniões. Isso nem sempre era possível, porque não podia coincidir com os dias da colheita do milho. Além disso, o clima chuvoso também dificultavam os encontros, pois as estradas que levavam às comunidades ficavam intrafegáveis.

Os encontros com as mulheres eram marcados com antecedência e a comunicação era feita via rádio. A participação das mulheres era constante: 21 frequentavam o Clube de Mães de Nova Conquista e 19 o da Linha Gaúcha. O primeiro contato que tivemos foi para explicar os objetivos da pesquisa. Numa segunda reunião foram aplicados questionários semi-abertos,

³ Carlos Eduardo Lins da Silva, “Muito além do Jardim Botânico”, p.70.

⁴ idem op. cit., p.71.



para caracterização geral do público. Os próximos encontros foram individuais, na casa das entrevistadas, onde a conversa era mais espontânea e onde se podia ver, concretamente, a importância, o destaque dado ao rádio, quando comparado às demais mobílias da casa.

A curiosidade em torno da pesquisa era grande. A espontaneidade para participar das discussões também, apesar de que, no início, em especial entre as mulheres do assentamento (Nova Conquista), havia uma certa desconfiança pois não sabiam “a mando de quem estávamos ali”. Uma delas nos perguntou “ porque não realizávamos o estudo em outras comunidades” e “se era o governo que tinha nos mandado ali”. Quando eram abordadas questões sobre os acampamentos nas rodovias, sobre as manifestações das quais haviam participado (perguntas formuladas apenas para melhor conhecer o público pesquisado), a resposta frequentemente era um silêncio interminável, uma troca de olhares assustados (desse assunto não gostavam de falar).

Terminada essa fase das entrevistas individuais, passou-se para reuniões coletivas em cada uma das comunidades, com o objetivo de ouvir junto com as mulheres os programas preferidos por elas e apontados no questionário feito anteriormente. Nesses encontros, as entrevistadas opinavam sobre a programação e a importância que o rádio tinha em suas vidas. Essas opiniões eram gravadas e, apesar do gravador ser, no início, motivo de inibição na participação, posteriormente, foi um estímulo à maior participação. Isto porque, queriam ouvir suas vozes (pedido esse feito a cada final de encontro). Esse era o momento de maior prazer e descontração por parte das entrevistadas.

Outras fontes de dados utilizadas foram as entrevistas com os apresentadores dos programas em estudo e a correspondência enviada à Rádio Auriverde de Pitanga Ltda. Essa correspondência (cartas e bilhetes) não chegava à Emissora com uma frequência constante. Variava de acordo com a disponibilidade das mulheres (escreviam quando não estavam no pique da plantação ou colheita ou quando não tinham filhos ou parentes doentes). Uma frequência maior no envio de correspondência estava vinculada ao deslocamento de alguém do campo para a cidade. Esse deslocamento era feito, normalmente, às segundas-feiras, quando se vinha ao centro de Pitanga para ir ao banco ou para “passar no médico”.



PÚBLICO PESQUISADO

Das 40 entrevistadas nas duas comunidades, a predominância era de mulheres casadas (25); a média de filhos era de 1 a 3 (16 mulheres) e a descendência maior era italiana (17). Vinte e seis mulheres desenvolviam múltiplas atividades, que iam desde os serviços domésticos, educação dos filhos, cuidados com a horta e animais, até o trabalho na roça.

Quanto ao acesso à comunicação, 38 das 40 entrevistadas afirmaram possuir aparelhos de rádio. Vinte e duas mulheres o ouviam por mais de três horas diárias. Os programas com maiores audiências eram: “A Palavra é da Mulher” (18 entrevistadas), “Alma Sertaneja” (27); “Crescer em Comunhão” (28) e o “Tribuna do Povo” (31).

Questionadas sobre o entendimento das informações transmitidas, a grande maioria comentou que os locutores falavam muito rápido e “enjoado” (vocabulário difícil), que não entendiam porque não gostavam do assunto abordado (normalmente política, economia ou esporte) e, principalmente, por elas não “encasquetarem”, isto é, não prestarem muita atenção, não pararem de fazer alguma atividade para ouvir melhor ou pensar no assunto em questão.

Com relação às fontes de informação utilizadas pelas entrevistadas, o rádio foi soberano: 34 mulheres o tinham como elo de ligação com o mundo. Na seqüência, vieram os vizinhos, que retransmitiam o que ouviam nas viagens que faziam ou liam em folhetins e revistas encontradas na Igreja, quando havia missa.

“A RÁDIO DA PITANGA”

A Rádio Auriverde de Pitanga Ltda (chamada pelas mulheres como a Rádio da Pitanga) foi fundada em 1981 e, até 1989, continuava sem concorrência de nenhum outro veículo de comunicação. Pertencia a um grupo privado e foi criada com o objetivo de ser um elo de ligação entre a cidade e o campo pois até o correio tinha dificuldades para enviar carta para o interior, devido à extensão do município (2.989 km) e ao terreno montanhoso, acidentado e com estradas ruins.

A argumentação para se manter a Emissora no ar, apesar de não dar lucro, era porque seus proprietários tinham outros interesses, além do comercial, como por exemplo, o



político, o de usufruir do prestígio que a Rádio dava, e, também, o de prestar serviços à comunidade.

A Emissora tinha uma programação diária de 17 horas. Apesar de apresentar um boletim de notícias, não possuía nenhum jornalista ou profissional de comunicação (as notícias eram lidas de jornais impressos da região). Tudo era feito no improvisado. A Emissora não possuía um arquivo radiofônico (a história da Rádio era contada por seus integrantes). As fitas, salvo raras exceções e por iniciativas pessoais, eram apagadas imediatamente após o término de cada programa, para que fossem reutilizadas na continuação da programação.

A Rádio era uma pequena empresa, com número reduzido de funcionários e renda. Os recursos financeiros provinham de inserções publicitárias feitas pelos patrocinadores dos programas. A Emissora atendia as necessidades de comunicação do público rural de Pitanga, pois tinha uma programação diversificada e funcionava como um grande veículo de utilidade pública divulgando, sem custos aos ouvintes, recados de parentes e amigos e avisos gerais sobre campanhas de vacinação, notícias do hospital, festas, reuniões dos sindicatos etc.

OS PROGRAMAS ANALISADOS

Como objeto de estudo foram tomados os programas “A Palavra é da Mulher” (voltado ao público feminino), “Tribuna do Povo” (variedades); “Alma Sertaneja” (musical); “Crescer em Comunhão” (religioso) e o de “Utilidade Pública”.

Através do programa “A Palavra é da Mulher”, a apresentadora Helena presta homenagens ao público feminino, em datas especiais como dia das mães, noivas, agricultoras, nos aniversários das mulheres ou de seus familiares, entre outros. Também abordava no programa questões voltadas à área de saúde (é enfermeira); procurava mostrar às mulheres os seus direitos enquanto trabalhadoras, mãe etc. Um exemplo da participação das mulheres nesse programa:

“Querida amiga Elena.
Quero agradecer pelo o que você
Tem feito em nossa comunidade
Você está sendo uma mãe em nosso lugar
pelos trabalho que você tem feito
pelos apoio do clube de mães



pelos trabalho das conserva das conpotas do licor
eu não tenho nen una pergunta pra fazer porque
o que querenos aprender você ensina aqui,
você esta pronta pra dar as resposta
tanben agradesso o novo agrono
Vilmar e parabes a você Elena pela tua bondade.

Quen assina Marli Terezinha santos”.

O programa “Tribuna do Povo”, através do quadro denominado “A Voz do Povão”, era o campeão de audiência entre as entrevistadas, porque sua transmissão era feita no horário de almoço e o apresentador, Elias Harmuch, abria o microfone para que as próprias trabalhadoras rurais dessem os seus recados a parentes e amigos. Um exemplo de participação:

Apresentador: “É, já são uma hora da tarde. Está na hora de falar com o meu povão querido, não é meu povão. Vamos lá. Bom dia.

Participante – Bom dia.

Apresentador - Qual é o seu nome?

Participante – Meu nome é Eugênia da Silva Oliveira e eu quero avisar minha mãe, lá no Alto do Rio Cascata que não fique preocupada que nós viemo de carona e imo vortá pelo ônibus do Alto Alegre e o Juarez que venha esperá nós que imo levá um pouco de compra. Um abraço prá todas minhas colega, mais um abraço prá Rosana Neves e prá Vera, e também prá minha cunhada Ivani de Oliveira, prá Tereza, prá dona Emília e prá todo mundo que eu não vô falá o nome e um abraço prá mãe, pro pai, pros meus irmãos, padrinhos, tios e prá todo mundo que tiver me escutando e também prá Divina Correa, lá do Rio do Tigre, que eu gosto muito dela quando ela fala aqui na Rádio, um abraço prá ela, prá Sueli, prá aquela menina dela, como é que é o nome dela? (pausa...) ah, a Janete. 5Muito obrigado e é só isso.

Apresentador – E um abraço prá mim também né, também sou filho de Deus, ora engraçado. Abraço prá todo mundo e prá mim nada. Tá tudo errado, não tá errado?

Participante – Tá errado...(risos).

O programa musical “Alma Sertaneja” era apresentado pelo “compadre” Olevy, que chamava suas ouvintes de “comadre” (80% das cartas eram de mulheres e os 20% restantes, de crianças e homens). O apresentador não se cansava de lembrar que “muitas ouvintes já se apaixonaram por mim, sem nunca ter me visto, só pela minha voz”. Entre a correspondência recebida pelo “compadre” Olevy, destacamos duas: uma em que a ouvinte ameaça não



participar mais do programa caso não seja atendida e outra em que oferece uma música até para quem não gosta da ouvinte.

“Compadre Olevi peso para rodar uma música
urtimo Juramento oferecendo para meu padrinho
Pedro Sinilho e para minha madrinha Ana
Pedro ipólito da Silva e subrinho e irmão.
Peso para o senho ler se não eu não escrevo mais”.

“Oi compadre olivi péso uma muzica para meu
irmão Osni Vidal que no dia 29 de Abril colheu 9
cravinho no jardim da vida para minhas Verónica
Maria Tereza José Jall mando para meus padrinhos
e madrinhas e também para meus primos e
primas e quem me gosta e também mando pos quem
não me gosta quem escreve é...”

Outro programa da “Rádio da Pitanga”, como é chamada pelas mulheres a Rádio Auriverde de Pitanga Ltda, e que registra enorme audiência é o “Serviço de Utilidade Pública”. Nesse Serviço são transmitidos os mais diversos tipos de avisos, que vão de festas a cobranças de cheques. Alguns exemplos:

“Arno Esser pede ao Tide em Rio XV de Cima que espere
no asfalto às 13 hrs com um animal”.

“Valdeci Simão pede a Olivino Simão, que termine de quebrar o milho
pois os negócios deram certos”.

“As seguintes pessoas devem comparecer no Supermercado Cardeal
para tratarem de assuntos referentes a cheques: Rosalvo Guedes
e Leonercio Zanata”.

“Grandioso baile sábado, dia 14 de Maio no CTG Rincão do
Pinhal do Turvo. Venda de mesas no local há 800,00 cruzados.
Início às 23 hrs. Animação: os Maragatos”.

“Vassílio Krait avisa Pedro Carraro dos Santos em, Linha Cantú,
que não vai vender o terreno, pede que vá em sua casa e leve
o óculos, pede ainda a quem ouvir favor retransmitir”.

Outro programa, o “Crescer em Comunhão”, também registrou grande audiência entre o público entrevistado. O programa seguia a linha dos demais, ou seja, transmitia avisos, tocava músicas, homenageava aniversariantes, nele eram lidas as cartas das ouvintes etc. No



entanto, havia uma diferença importante: ele era apresentado por um padre, o padre Bessa. Portanto, não era um apresentador qualquer. Era, como diziam as ouvintes, “um representante de Deus aqui na Terra, assim como o Papa”.

Um exemplo de carta recebida pelo padre, em que a ouvinte questiona a postura política da Igreja no processo de luta pela reforma agrária: “...porque os padres de pitanga são contra os sem terra e o bispo de guarapuava apoia nós e os padre de Curitiba e de laranjeiras também. Eles ficaram uma semana com nós no cavaco...”. Questionado sobre essa questão o padre responde: “...talvez estejamos um pouco alheio. Isso porque, eu sou da opinião de não misturar a política com a fé...Na política eu sou neutro, mesmo porque, o Ministério exige neutralidade”.

Se a palavra dos demais apresentadores dos programas da Auriverde era acatada como verdade inquestionável, os conselhos do padre Bessa eram recebidos como uma ordem, afinal, “ele é padre e sabe das coisas”, diziam as entrevistadas. Padre Bessa recebia todo tipo de carta: pediam para serem tocadas músicas religiosas; orações para curar algum parente doente; orientações sobre como resolver problemas familiares e brigas nas comunidades, entre outros.

“ Padre Beça escrevo para contar o que a catesquista da crisma Maria Iracema faz na Igreja para o povo distrata as crianças, distrata os pais das crianças, briga com os irmãos levanta falço nos vizinhos briga com a família vem na Igreja contar para o povo, padre ninguém vem na Igreja por calza dela ser ruim ninguém quis pegar prá dar catecismo de crisma na Igreja. Ela quer mandar mais do que as outras. Ela diz que o padre não manda nela peso para não contar na Igreja que foi mandado esta carta para o Senhor”.

Diante dos dados e depoimentos coletados, ficou claro que o objetivo da Rádio Auriverde era ser um elo de ligação entre os meios urbano e rural. Através de sua programação e de seus apresentadores, levava alegria, lazer e esperança. A alegria era proporcionada pelas cartas que eram lidas, pelas músicas tocadas, pela oportunidade de falar no microfone e de dançar, quando uma música era “rodada” na Rádio. A música provocava no público um desejo irresistível de dançar, “seja com que for, com quem se ajeitá. Pode ser até com o bebê”. As mulheres tinham com esse veículo de comunicação uma grande intimidade, chegavam a personificá-lo: com ele, conversavam, lamentavam, riam, choravam, rezavam, dançavam...



Não só o rádio ocupava espaço especial na casa e vida das mulheres pesquisadas. A Bíblia estava sempre junto com esse veículo. A explicação, segundo o padre Bessa era:

“Pro pessoal aqui do interior, que parece que anoitece mais cedo, e que não tem claridade da luz elétrica e sim da lua, o rádio é uma peça sagrada... Certos momentos, acredito que é tão sagrado quanto a Escritura Sagrada. Para o nosso povo sofrido, que luta e que às vezes não encontra muita saída, a Bíblia é a resposta porque dentro da casa ela representa Deus. Ele está em primeiro plano e, em segundo, está o rádio. Então, com a Bíblia estamos em comunhão com Deus, com o rádio estamos em comunhão com o mundo, em contato, acompanhando tudo o que está se passando à nossa volta”.

Essa afirmação, com representações do cotidiano, reflete a esperança e fé das mulheres rurais.

O rádio era tão poderoso que fazia com que as ouvintes se apaixonassem pelos apresentadores “só pela voz, sem nem me conhecer”, conforme contou um dos locutores. Essa paixão seria fruto do enigma, do desconhecido, do imaginário? Essa magia, essa capacidade, são únicas do rádio. A função desse veículo era importantíssima, principalmente se levado em conta todo um contexto social, político, econômico, cultural e geográfico. Como essa população rural, carente de assistência médica, transporte, escolas etc, viveria sem o auxílio do rádio, sem os serviços que ele prestava?

Tomando como referência essa realidade que o rádio desempenhava junto às trabalhadoras rurais, somada aos dados que coletamos, aos depoimentos dados pelas entrevistadas e padre Bessa, demos a esse trabalho o título “Deus no céu e o rádio na terra: papel do rádio junto às mulheres rurais de Pitanga”. Não era, de forma alguma, exagero afirmar que Deus era tão importante no céu, quanto o rádio era importante na Terra. Ambos eram responsáveis pela sobrevivência desse público, seja essa sobrevivência espiritual ou material (transações comerciais).



BIBLIOGRAFIA

- Bordenave, Juan Diaz E. (1983), *Além dos meios e mensagens – introdução à comunicação como processo, tecnologia, sistema e ciência*, Rio de Janeiro: Vozes
- Fundação Carlos Chagas. (1980), *Mulher brasileira: bibliografia anotada 2*. São Paulo: Brasiliense
- Goldfeder, Miriam. (1980), *Por trás das ondas da Rádio Nacional*, Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Lopes, Maria Imacolata V. (1986), *O rádio dos pobres: comunicação de massa, ideologia e marginalidade social*, São Paulo: Loyola
- Noronha, Olinda Maria. (1986), *De camponesa a madame*, São Paulo: Loyola
- Nunes, Maria José Fontelas Rosado. (1984), *Vida religiosa nos meios populares*, São Paulo: Tese de mestrado em Ciências Sociais/PUC.
- Ortriwano, Gisela Swetlana. (1985), *A informação no rádio – os grupos de poder e a determinação dos conteúdos*, São Paulo: Summus
- Paulilo, Maria Ignez. (1976), *O trabalho da mulher no meio rural*, Piracicaba: Tese de mestrado/Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz.
- Rosemberg, Fúlvia et al. (1982), *Educação e Mulher no Brasil*, São Paulo: Global
- Silva, Carlos Eduardo Lins da. (1985), *Muito além do Jardim Botânico*, São Paulo: Summus.